

Futuro da metrópole é debatido

Brasília tem que ser pensada como uma metrópole. A autonomia econômica-financeira faz parte do processo de desenvolvimento da Capital da República. A industrialização tem que ser direcionada para as áreas de serviços e da tecnologia de ponta, mantendo o meio ambiente intacto. O Fundo de Participação do Distrito Federal tem que ser pensado e planejado, entre todos os setores da comunidade, porque servirá como alicerce de metropolização da região. A União deve manter os repasses para a infraestrutura administrativa. Na revisão constitucional devem ser garantidos os repasses automáticos para a educação e saúde. Essa é a base do raciocínio macroadministrativo do deputado federal Benedito Domingos e do urbanista Jorge Guilherme Francisconi.

O projeto original da Fundação de Brasília estimava que no ano 2000 a capital teria cerca de 500 mil habitantes. Faltando sete anos para o fim do milênio, a cidade tem mais de 1 milhão e 500 mil habitantes. Em função disto, toda a estrutura socioeconômica do DF tem que ser revisada. Segundo o deputado, é necessário que se estabeleça uma relação de discussão constante entre os políticos, empresários, intelectuais, lideranças sindicais, comunitárias, para traçar um novo plano de desenvolvimento econômico-industrial-urbanístico e tecnológico de Brasília e Entorno. Para o depu-

tado a região do Entorno pode ser um "amortecedor" da migração, oriunda dos estados do Nordeste e do Norte, se forem implantadas indústrias. "Se não possibilitarmos uma estrutura empresarial para as cidades-satélites e o Entorno, dentro de no máximo dez anos teremos um quadro de convulsão social no DF, em função do desemprego e da falta de perspectivas", enfatiza Domingos.

O urbanista Jorge Guilherme Francisconi apresenta uma outra face de Brasília, além das compartilhadas com o parlamentar. Para Francisconi, a tendência do DF é a da metropolização. Segundo ele, o governo e os empresários podem estabelecer uma ponte de desenvolvimento regional.

Brasília pode implantar indústrias de informática, com capital brasileiro e estrangeiro, possibilitando o crescimento do mercado de trabalho e absorvendo "cérebros" formados nas instituições de ensino da capital. Caso contrário, os jovens vão migrar para outras regiões em busca de melhores oportunidades. O intelectual sugere que se faça uma política de apoio ao Entorno, para criar um referencial de mercado de trabalho, na segunda maior área populacional da região. "Devemos criar alternativas macroeconômicas, onde o mais importante seja o homem, e a sua integração social com dignidade", concluiu. (Antônio Ximenes)